Os mares de morros e suas Igrejas

Ouro Preto & Mariana

Suas Lendas

A humanidade, como toda lei universal, está sujeita a dois pontos antagônicos:

A emoção que inspira a sublimação do etéreo, voltado para as grandes obras que caminham para Deus. Esta é eterna e alegra o espírito.

A razão que conduz à efemeridade terrena, voltada para as grandes obras que caminham para o homem. Esta é finita e entristece o espírito.

Copyright José Vieira De Oliveira.

Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

A Igreja São Francisco de Paula

CAPÍTULO 2

Igreja de Santa Efigênia e N. S. do Rosário dos Pretos do Alto da Cruz

CAPÍTULO 3

Capela de São João Batista do Ouro Fino.

CAPÍTULO 4

Matriz de Nossa Senhora do Pilar

CAPÍTULO 5

Igreja de N. S. Do Rosário dos Pretos do Caquende

CAPÍTULO 6

Capela de N. S. do Rosário dos Brancos

CAPÍTULO 7

Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto

CAPÍTULO 8

Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões

CAPÍTULO 9

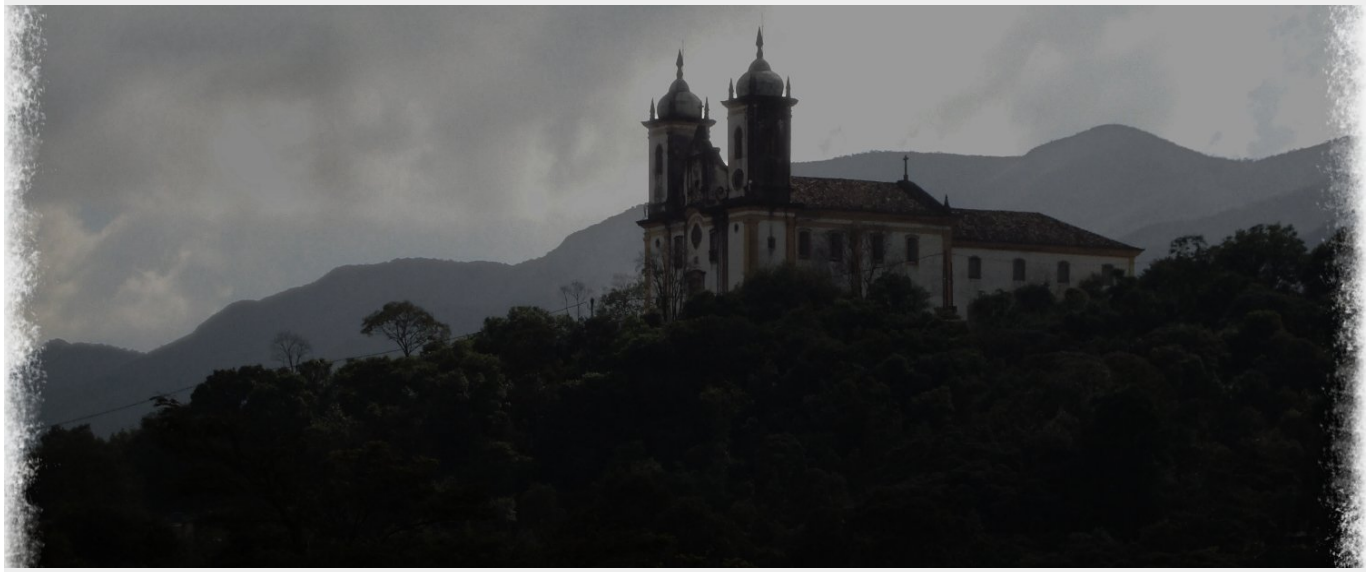
Igreja de São Francisco de Assis de Mariana

CAPÍTULO 1
A Igreja São Francisco de Paula

À noite, quando tudo é silêncio e mistério em Ouro Preto, uma vista do caminho de pedras pé de moleque, passando à direita da Igreja de São José e terminando na escadaria frontal da Igreja de São Francisco de Paula. Um caminho de fé. E de muitos casos misteriosos também.



Lá pelos idos dos finais dos anos oitocentos, Ouro Preto ainda vivia imersa nas sombras das noites, tão logo o sol descambava nos cumes dos morros Botafogo. Somente as ladeiras que desciam da praça Tiradentes possuíam seus lampiões a gás, com uma luz tênue e azulada que desafiava as brumas pálidas das noites de cerração. Ainda, uma ou outra sacada espalhava uma réstia de luz, vinda de algum cômodo, até as dez badaladas do sino do Pilar que afirmavam as vinte horas. Além disto, somente o silêncio tomava conta da cidade, quebrado de vez em quando com uma batida lenta do relógio da Matriz do Carmo ou de Santa Efigênia, ou do cantochão soturno de alguma coruja que morava nos cemitérios adjacentes às Igrejas.





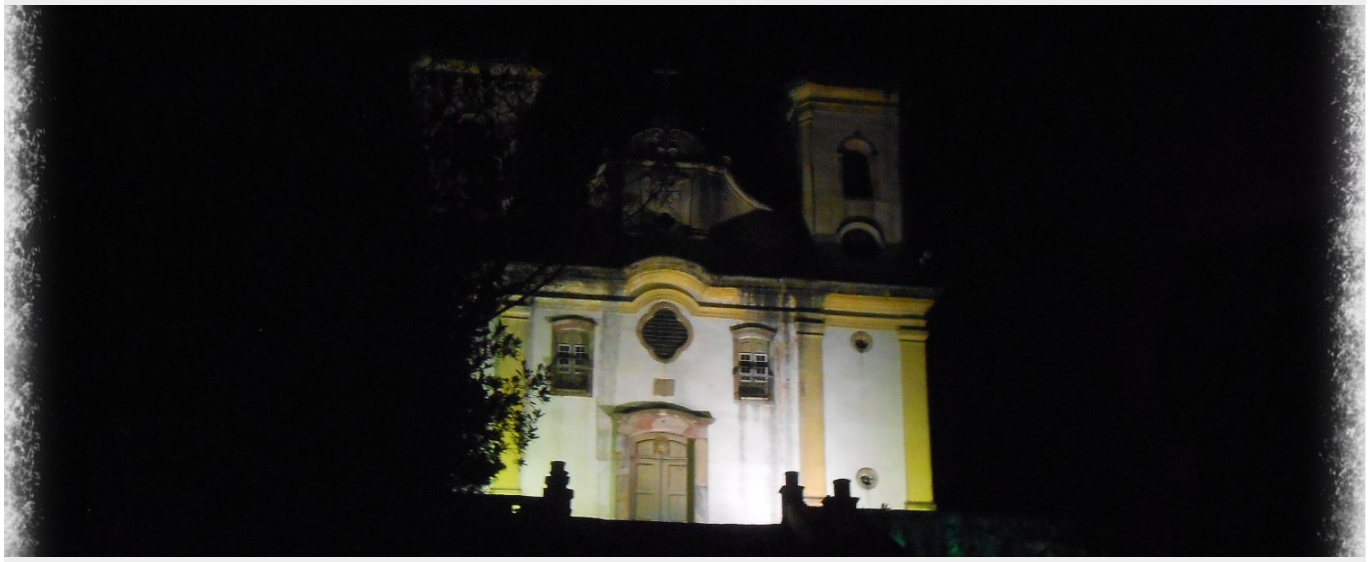
A noite era dos assombrações e ninguém se atrevia a sair pelas ruas estreitas cheias de sombras. Neste cenário, erguia-se recente a igreja de São Francisco de Paula, no alto da colina do morro da Piedade. Solitária e escura nas noites ouro-pretanas. Um pouco mais além, em caminho de chão batido, havia a ponte do Xavier, atravessando uma profunda e tenebrosa garganta sobre um pequeno córrego encachoeirado. Em frente, a pequena ladeira da subida do Paschoal, que saía ao lado da capela de São José. Mais nada. Somente o cemitério, com suas cruzes em braços abertos, chorando nos orvalhos das cerrações. A cidade dormia sono profundo.



De repente, uma leve batida no sino menor da torre esquerda. Logo depois, um dobre do sino da torre do relógio. Os sons reverberavam nas lapas escuras e limosas das encostas ricas das escavações e vinha ecoar no fundo do vale. Sons tristes de choro de bronze que quebravam o silêncio da noite. Então, reparando-se em direção a igreja de São Francisco de Paula, via-se através das janelas envidraçadas da nave principal, clarões de luzes acesas no interior da construção. Alguém um pouco mais corajoso, chegou até o pé da ladeira perto da capela de São José, com o coração vibrando aos saltos e garantiu que a porta da frente estava totalmente fechada. Ninguém entrara lá dentro e como poderia estar a igreja toda iluminada? Há quem diga que, nestes momentos, o portão de ferro do cemitério permanecia totalmente aberto.

Era um lugar mesmo mal assombrado. Logo depois que passava a igreja, o caminho de terra vermelha serpenteava em rumo às encostas dos contrafortes do Morro São Sebastião. Por este tempo, dividia os dois morros um pequeno córrego, que passava espremido nas pedras escuras do leito.

Para ganhar o outro lado, uma pequena ponte de pedra o atravessava, a ponte do Xavier. Era uma ponte curta mas de uma grande altura. Muitos caíram ali, do alto da ponte contra as pedras pontudas e escuras do leito de águas nervosas, maculando com a iniquidade este sítio. Estes, tinham como morada o cemitério da Igreja de São Francisco de Paula. Quem sabe se não era estas almas arrependidas que vinham buscar um pouco de lenitivo nas orações noturnas que faziam? Ou mesmo, aproveitando o recato da noite, vinham procurar suas antigas moradas na cidade? Muitos eram vistos parados, debruçados e pensativos no balcão da capela de São José, do fim da ladeira. Talvez tivessem medo de voltar...



Construída a 1160 metros de altitude, no alto de um outeiro, entre 1804 a 1898, no antigo Morro da Piedade, atualmente morro do Pascoal, na rua Padre Rolim, na região noroeste da cidade, portanto demorando quase um século para ficar concluída. É a última construção do estilo barroco/rococó de Ouro Preto. Pertence à congregação de São Francisco de Paula. Está ladeada por um adro construído em pedras de quartzito, retiradas na base da serra do Itacolomi.





A história da congregação dos fiéis São Francisco de Paula se origina na região da Calábria, no sul da Itália, com Giacomo D'Alessio e Vienna de Fuscaldo que viviam na cidade de Paula. Devotos de São Francisco de Assis, pediram-lhe a graça de ter um filho, alcançada em março de 1416, quando nasceu-lhes um menino. Em cumprimento à promessa ao santo de Assis, o menino foi batizado com o nome de Francisco.

Aos 12 anos, o menino Francisco foi levado por seus pais ao Convento Franciscano de São Marcos Argentano, permanecendo por um ano. Pouco tempo depois, Francisco e seus pais fizeram uma peregrinação aos lugares santos de seu tempo: De volta à Paula, Francisco pediu a seus pais licença para se retirar buscando viver em solidão e em íntima união com Deus nas montanhas. Começa assim uma vida de austeridade, entregue totalmente à contemplação e à penitência.

Em 1483, o Papa Sisto IV mandou-o ir à França para curar o Rei Luís XI que se encontrava gravemente enfermo. Francisco obedece e aos 67 anos deixa para sempre a Calábria e dirige-se à corte francesa. Sem nunca ter abandonado seu estilo de vida penitente e sua contínua união com Deus. Francisco morreu aos 91 anos no ano de 1507, posteriormente São Francisco de Paula foi declarado santo pelo Papa Leão X em 1519. A Ordem dos Mínimos.



São Francisco de Paula propôs a seus filhos um código espiritual que refletisse o novo tipo de vida que os convidava a viver. Os primeiros estatutos da Ordem foram aprovados em 1493, sendo a aprovação definitiva obtida em 1506. A Regra proposta por São Francisco de Paula é um pequeno código composto por dez capítulos. Em sua introdução há um duplo chamado: um chamado geral à pratica cristã dos mandamentos e outro específico à vida dos Mínimos.

São Francisco assim define a intenção que deve ter os que desejarem entrar em sua família: “aqueles que se sentem chamados a viver uma quaresma perpétua e uma penitência maior...”. A espiritualidade dos Mínimos é marcada por três aspectos evangélicos: a humildade, a penitência e a caridade.

Em 1803 a congregação resolve construir sua própria igreja e no ano seguinte, 1804, lançam a pedra fundamental.



Construção em franco estilo rococó, feita em pedras de cantaria, revestidas de argamassa com paredes de tijolos sólidos entrelaçados, a construção é iniciada pelo projeto do Sargento-mor Francisco Machado da Cruz. Foi uma obra demorada, que se arrastou por todo o século, devido às faltas constantes de recursos.

Está situada na parte mais alta do morro, ao fim de um caminho que dá acesso à escadaria principal de pedra. Construída em dois lances entremeados de um largo patamar. No segundo lance, havia quatro estátuas de cerâmica do pato, retiradas no meio deste século. Do adro, descortina-se a mais tradicional vista panorâmica da região central de Vila Rica.

